

Os Dois Marechais

RUBEM BRAGA

O MARECHAL Castelo Branco fêz um discurso amargo em uma churrascaria de Brasília. Estava zangado, e esmurrou tanto a mesa que, segundo uma pessoa que estava sentada em suas vizinhanças, levou muitos minutos, depois, a passar a mão esquerda na direita, que estava magoada. Ele não tem o preparo físico do ministro Juarez Távora nessa coisa de esmurrar mesa.

Essa veemência de estilo «karetê» gastou o presidente para dizer e provar que não era ditador. A verdade é que êle, hoje, tem todos os podêres de um ditador, mas está condenado a passar o mando no dia 15 do mês que vem a outro marechal, que nem sequer é o de sua escolha.

Não sou, decididamente, fã do marechal Costa e Silva, mas já começo a me perguntar se afinal de contas êle não será melhor que qualquer um daqueles conhecidos candidatos do marechal Castelo Branco. O marechal Costa e Silva tem pelo menos uma virtude: se não foi eleito pelo povo também não foi o eleito do marechal Castelo Branco. Não tem, assim, a obrigação de ser um continuador da obra do marechal Castelo Branco, pelo menos em seus aspectos mais deploráveis. Há sinais, embora vagos, de que fará uma política internacional menos passiva; parece que êle já desconfiou que podemos fazer parte do Ocidente continuando a ser uma nação atenta aos próprios interesses e sentimentos, e não um território sob mandato americano; que poderemos manter excelentes relações com Portugal sem defender sua desastrosa política africana; que poderemos admitir a entrada de capitais estrangeiros sem com isso entregar nossa indústria aos capitalistas de fora.

Uma «obra» que a Revolução não ousou levar a cabo foi a desintegração da Petrobrás. É verdade que as refinarias particulares, que antes compravam pelo suborno direto das autoridades, o direito de funcionar, passavam a ser tratadas com um espontâneo carinho; que a nova Constituição tem uma estranha declaração de princípios contra os monopólios estatais, tão curiosa que parece coisa traduzida de um daqueles anúncios «institucionais» que de vez em quando as grandes empresas americanas fazem para celebrar as vantagens da *free enterprise*; que o sr. Roberto Campos andou fingindo fazer um acôrdo com a Rússia sobre o xisto betuminoso para criar um precedente contrário ao monopólio; que agora mesmo tenta-se retirar à grande empresa sua frota de petroleiros... Nada disso é estranhável em um governo dominado, em sua política econômica por um ministro, cuja tese, alguns anos atrás, era de que a Petrobrás devia se limitar a explorar o óleo do Recôncavo, deixando a pesquisa e a lavra em outros pontos a firmas nacionais ou estrangeiras que tratariam com as autoridades locais...

Esperemos que nesse ponto não procure o marechal Costa e Silva «continuar a obra» do marechal vigente. O que o povo — e, estou certo, a parte mais esclarecida e sadia das Forças Armadas — espera dêle é uma política de nacionalismo e de desenvolvimento, objetiva, sem demagogias, mas corajosa e firme.

4. 2. 67